

COQUEIJO (*)

Alcyvando Luz

Somente você, compadre amigo, faria com que eu desse uma de escriba... eu que só sei dizer o que sinto com o violão... é a saudade que dói no peito, é a certeza de sua ausência, é a angústia de saber que meu primeiro parceiro de minhas composições, aquele que tão bem sabia dizer com as palavras os sons que brotavam de minha viola, não está mais entre nós...

Tive uma vontade intensa de cantar na cerimônia de sua despedida de nosso melo, a nossa "Ave-Maria dos Retirantes", mas você sempre soube que a emoção tomaria conta de mim e, como sempre, faria com que eu esquecesse a letra da melodia, e se tivesse um violão naquele momento somente este acalientaria o seu sono, e, assim, seria injusto por certo não cantar o lindo texto com que você vestiu a minha canção... "É hora em que a morte é certa — mas ninguém deserta — se for pra lutar — no peito, coração aberto, esperança perto — sem querer chegar... Coragem mansa — eu tive até partir — pra não morrer de morte igual — fugi — e andei... Errando pela vida afora — sempre indo embora — dei volta no mundo — vim morrer aqui — quanta cruz no meu caminho — faça de sol — poeira, espinho — bom Jesus olhe por mim — na solidão cansado eu vim — é hora...".

Eu o sinto, como hoje, estimulando-me, incentivando-me a compor, a participar dos festivais internacionais da Canção, no Rio de Janeiro, e outros, nos quais nos classificamos com as músicas: "É Preciso Perdoar", que o MPB-4 tão bem interpretou e eu solei no violão, Djalma Correia na percussão, enquanto você, na platéia, irrequieto, andava de um lado para outro devorando caramelos... Depois o nosso querido João Gilberto e Stan Getz a gravou nos Estados Unidos. Vieram os festivais subseqüentes, você firme ao meu lado, sempre preocupado com meu estado emocional, minha impontualidade e com minhas maluquices... "O Sim pelo Não", onde você, sutilmente, fez um bem-bolado poema de protesto, música defendida pelo genial MPB-4 e por este gravada, cujo arranjo do saudoso maestro Gaya, com quem nos céus você deve ter-se encontrado, foi o premiado da noite.

Agora é preciso lembrar também do querido Agostinho dos Santos, de saudosa memória, que se apaixonou pelo "Sim pelo Não" e a gravou com Beth Carvalho. E Maysa, que cantou a Ave-Maria, também já se foi... Clara Nunes também gravou a Ave-Maria e já não está aqui. Também gravaram nossa Ave-Maria, Fafá de Belém, Quinteto Violado e Luiz Vieira (Cabra da Peste).

As meninas do Quarteto em Cy, que com suas harmoniosas e lindas vozes deram vida a "Aloka", "Sou de Oxalá", "Amor pra Ficar" (Alcyvando Luz, Intér-

(*) "A Tarde", Salvador, 05.02.88, pág. 6.

prete), "María É Só Você" (María Creusa), "Destá", "Domingo", "Bem Bom no Tom" e outras.

"Tempo de Amor", somente Nilde Almeida dedilha com sentimento especial ao piano e Mirtes Santos Cruz com sua linda voz de timbre invulgar, dizem realmente que é Tempo de Amor...

Coqueijo, você foi um romântico sonhador e eu não fico atrás. O certo é que o amor que você ensinou em seus poemas, que vestiram minhas músicas, é "Amor pra Ficar"... mesmo.

O que quero dizer, compadre, é que sou um sertanejo das bandas do São Francisco e minhas melodias estão muito ligadas às minhas raízes, e você, com sua genial sensibilidade, sem que nada lhe falasse, compunha os textos de minhas músicas, já tendo as melodias prontas, na maioria das vezes, e casavam exatamente com meus sentimentos, ou seja, dava à música o texto adequado.

Não posso deixar de lembrar de sua capacidade extraordinária de concentração, de estar ligado a mais de uma coisa ao mesmo tempo... muitas vezes, enquanto lavrava acórdãos, eu, em sala contígua, dedilhava o violão, você ligado à música e ao Direito deixava a máquina, ia ao piano ou pegava o violão e aí vinha certo nos acordes que precisávamos.

Não posso esquecê-lo, compadre. Era eu um garotão, vindo do interior, de Barreiras, com a idéia fixa de fazer música e encontrei em você a pessoa que me estimulou, que acreditou em mim... às vezes se irritava com meu mau gênio, porém o seu sempre presente anjo-da-guarda, Aydil, sempre achava um jeito de contornar as coisas... Aydil você é uma fortaleza.

Em recente show que fiz na TVE, falei que o amava... linguagem de músico. Você não chegou a ver a fita... Só você podia entender-me, só você sabia o que eu quis dizer: eu amava sua sensibilidade musical, seu ouvido absoluto, sua crítica construtiva, seu talento, sua ajuda, a pessoa humana que foi **Carlos Coqueijo Torreão da Costa**, ou simplesmente **Coqueijo**, para mim, para minha carreira e por ter sido meu primeiro parceiro musical e o primeiro a acreditar no trabalho do garoto que veio do sertão...

As nossas reuniões que varavam madrugadas fazendo som, procurando acordes, idealizando arranjos... Minha comadre Nilde Almeida, que nos aturava, que o diga, e guarda a seté chaves alguns temas inéditos.

Lembro-me de sua posse perante o Tribunal Superior do Trabalho — TST, no cargo de ministro daquela Corte, cujo desempenho das funções no Distrito Federal só fez honrar o nome da Bahia. Toda aquela gente... os oradores oficiais designados para saudá-lo apenas exaltavam os méritos e qualidades do **Coqueijo** jurista, **Coqueijo** escritor, cronista, **Coqueijo** mestre de Direito, autor de livros jurídicos... Todavia, na platéia, junto a mim e à minha mulher, se encontrava o extraordinário e renomado jurista Josaphat Marinho, que se levantou, vestiu a beca e, em nome do Instituto dos Advogados da Bahia, certamente para não cometer uma injustiça com o novo ministro, enalteceu perante o público daquela solenidade as qualidades do **Coqueijo** compositor, poeta e instrumentista (violão,

violino, piano e clavieta) por isto, um juiz mais sensível, mais humano ao interpretar os textos frios da lei...

Só quem o conheceu de perto pode avaliar a perda irreparável para os amigos, para a Bahia, para o Brasil e para o mundo, do homem **Carlos Coqueijo Torreão da Costa**.

Meu compadre, somos todos retirantes...